

LIÇÕES

B

ÍBLICAS

2º TRIMESTRE • 2010 • Nº 291

REVISTA PARA ESTUDOS NAS ESCOLAS BÍBLICAS

**MAIS
QUE
PALAVRAS**

O QUE DEUS FALA AO SEU POVO



COMENTÁRIOS ADICIONAIS

A desilusão tomou conta. “O nome Malaquias significa ‘meu mensageiro’. (...) Com base no próprio livro podemos deduzir o contexto histórico. Situa-se entre 460-430 a.C., um pouco antes de Neemias se tornar governador em Jerusalém, ou, posteriormente, durante a sua ausência. Em outras palavras, passaram-se 80 anos desde que Ageu e Zacarias incentivaram o povo a reconstruir o templo. Era um período difícil de espera, e a desilusão tomou conta. Os tempos eram difíceis, o povo estava em extrema pobreza, explorado pelas potências estrangeiras. (...) É difícil não perder a esperança quando a espera se prolonga”. (*Manual Bíblico SBB*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 512).

Um contexto sombrio. “... a apatia e desilusão que atrasaram a reconstrução do templo por quase vinte anos persistiu na comunidade da restauração. (...) Jerusalém, que provavelmente era uma **satrapia** (província) sob o comando de um governador persa, continuou pequena, pobre e insignificante no vasto Império Persa, além de social e politicamente estagnada. As contínuas hostilidades com os samaritanos e o fardo de vassalagem contribuíram para o ceticismo e a dúvida que caracterizavam a reação popular a Javé como Deus (Ml 1.2). (...) Foi neste contexto sombrio que Malaquias profetizou em Jerusalém”. (HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2007, p. 607-608).

Eu sempre vos amei. “O oráculo começa quase abruptamente com uma palavra carinho e queixosa do Senhor para Israel: **Eu vos amei**. Este é o verdadeiro peso da profecia de Malaquias; tudo o mais deve ser visto sob a luz desta alegação fundamental. Mas os israelitas são céticos: **Em que nos amaste?** Não vêem prova do amor de Deus. Por serem muito pobres e sofrerem demais, consideravam-se povo desanimado e desiludido. O pensamento está nublado pela dúvida. Tudo o que o profeta diz

é desafiado: **Mas vós dizeis**". (REED; Oscar F. e outros. *Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 5, 3 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 319).

Em que nos tens amado? "A ingratidão tem os olhos fechados para a benevolência recebida. Quantas vezes nós também questionamos o amor de Deus! Quantas vezes ferimos o coração de Deus por uma atitude de rebeldia e ingratidão (Sl 78.9-17)! O povo de Israel acha justo que Deus julgasse Edom, mas achava injusto que Deus o julgasse. É sempre mais cômodo apelas para o juízo divino sobre os outros. Na verdade o povo voltou do cativo e esperava a prosperidade material como recompensa por sua obediência em voltar. O povo ficou insatisfeito, julgando que Deus estava lhes dando pouco". (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 23).

Um amor soberano. "Os dois nasceram pecadores e cometeram pecados graves. Nem eles nem seus pais e avós mereciam coisa alguma da parte de Deus. Todavia, Deus, em sua intocável soberania, achou por bem amar Jacó, o segundo, e rejeitar Esaú, o primeiro, 'antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má' (Rm 9.11). Como o oleiro tem o direito de usar o mesmo barro para transformar num vaso para plantar flores e outro para recolher lixo, Deus tem o direito de fazer o que quer e como quer (Rm 9.21, BV). Não há lugar para críticas nem mesmo para perguntas". (CÉSAR, Elben Lenz. *Refeições diárias com os profetas menores*. Viçosa, MG: Ultimato, 2004, p. 312).

Uma defesa do amor de Deus. "O profeta faz uma defesa do amor de Deus que rememora Deuteronômio 7:8 (cf. Os 11). (...) O amor de Deus por Israel comprova-se no fato de ter castigado Edom. Esta nação não só deixara de ajudar Jerusalém quando a cidade fora sitiada pelos babilônicos em 586 a.C., mas se alegrara com a sua queda (Lm 4.21-22; Sl 137.7). (...) Quando os árabes nabateus expulsaram os edomitas do antigo território que detinham no monte Seir, o fato foi considerado ato da vingança divina, por se conduzirem de forma desumana e indigna de irmão". (REED; Oscar F. e outros. *Comentário Bíblico Beacon*. Vol. 5, 3 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 319).

Voltaremos e reconstruiremos. "Reconstrução? As tentativas de Edom para reconstruir-se, reconquistando os poderes e prestígio de outrora, seriam frustradas pela mão pesada de Yahweh, que continua-

ria golpeando aquele 'país', que já não merecia mais o nome de povo. Edom mereceu ceifar o que semeou; o processo apresentou Israel com um benefício significativo: o tormento de Edom, que durava por séculos, acabou. Chegou o *fim*, não meramente uma derrota temporária. O remanescente de Edom nunca se recuperou o suficiente para reconquistar seus territórios e renovar a nação". (CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, vol. 5, p. 3705).

O filho honra o pai. “De maneira inteligente Malaquias conquista a atenção dos seus ouvintes antes de começar a acusá-los. A maioria dos sacerdotes deveria ter filhos, e como todos conheciam a lei (...), devem ter concordado de todo o coração com a primeira afirmação: o filho honra o pai. Esta recordação do quinto mandamento punha as exigências da aliança com Deus em destaque. O servo honrava ao seu Senhor porque pertencia a ele por direito de compra, e não tinha outra opção senão obedecer.” (BALDWIN, Joyce, G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 186).

Um Pai desprezado. “O hebraico nos traz *kâbhôdh*, que algumas vezes é traduzido por glória. (...) *Kâbhôdh*, literalmente, tem o sentido de ‘dar peso’, ‘mostrar atenção’, ‘considerar como importante’. É o que Deus quer dizer no quinto mandamento (‘Honra a teu pai e a tua mãe’ – Êx. 20:12 e Deut. 5:16): ‘mostra atenção, considera o teu pai e a tua mãe como importantes’. E a queixa divina é exatamente esta. O Senhor esperava que o seu povo o considerasse importante, que lhe desse atenção. No entanto, ele é um pai desprezado.” (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 30).

A autoridade de Pai. “No mundo semita, a honra vinha antes do amor na prioridade dos deveres (...). Quando Deus se apresenta aos israelitas como Pai, é para acentuar sua autoridade sobre ele e aumentar-lhes a reverência, e não para garantir que lhe dediquem amor e lhe prestem devoção piedosa. A tônica está em que o Senhor cria a nação para que ela seja seu filho obediente (Êx 4.22, 23). A idéia central é que Deus é o Pai da nação: seu Criador (2.10; Is. 64.8; Jr 31.9), seu Redentor (Dt 32.6; Is 63:16), seu Guia e Guardião (Jr 3.4; Os 11.1-4).” (REED, Oscar F. e outros. *Comentário Bíblico Beacon*. 3 ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2009, Vol. 5, p. 352).

Um relacionamento rompido. “Em vez de afeição e confiança havia antipatia à natureza e à vontade de Deus. É por isso que os sacerdotes não o honravam com sacrifícios dignos. Malaquias não estava preocupado com as minúcias do culto, mas com a recusa em respeitar o Pai e obedecer ao Senhor que era grande ‘além das fronteiras de Israel’. *Em que desprezamos nós o teu nome?* Atitudes pecaminosas muitas vezes são ‘pecados ocultos’, isto é, ocultos da consciência do pecador, o que não o isenta de culpa.” (BALDWIN, Joyce, G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 188).

Não apenas Pai. “Além de ser Pai, Yahweh era também Senhor, e todos os homens sábios respeitavam os senhores com autoridade sobre eles. (...) Os senhores tinham poderes absolutos sobre seus escravos, que não tinha vontade própria. (...) Eles colocaram sua vontade contra a vontade divina, um erro crasso e custoso. Deus era Senhor, e eles, Seus escravos, mas eles não tinham respeito nem receio do Senhor Celestial. Eram alegadamente homens religiosos, mas na verdade ateus práticos. (...) Falavam de Deus em discursos eloqüentes, mas viviam de forma esquálida.” (CHAMPLIM, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 200, p. 3706).

Pecado negado. “A culpa cabe aos sacerdotes. Eles desprezam o nome de Deus. Sabendo-se que no Velho Testamento o nome é o caráter, a personalidade da pessoa, isso equivale dizer que eles afrontavam o ser de Deus, a pessoa divina, e não apenas o atributo dele. Tendo os corações endurecidos, os sacerdotes ainda inquiriram: *‘Em que temos nós desprezado o teu nome?’* É uma pergunta equivalente a *‘Não, nós não temos desprezado o teu nome. Tu está exagerando!’* Os sacerdotes minimizavam a sua culpa.” (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 31).

Não havia mais relacionamento pessoal. “Os sacerdotes tinham perdido o relacionamento pessoal com Deus. Faziam a obra de Deus sem andar com Deus. Eles eram profissionais da religião sem fidelidade à Palavra de Deus e sem vida com Deus. Eles tinham se corrompido doutrinária e moralmente. Eles faziam o contrário do que a Bíblia ensinava. A teologia estava divorciada da vida: chamavam Deus de Pai e Senhor, mas não O honravam nem O respeitavam como tal.” (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 34).

3

17 ABR 2010

Votos

O cumprimento dos votos. “Qualquer pessoa era livre para fazer um voto especial (neder) a Deus, bem como era livre para não fazer. Todavia, se o voto fosse feito, aquela pessoa tinha a obrigação de cumpri-lo sem demora. A presente lei [Dt 23:21-23] enfatiza a necessidade de completa honestidade perante Deus. Se um indivíduo escolhe não fazer um voto, não comete pecado, mas tudo que passa voluntariamente pelos lábios de um homem deve ser cumprido. Os votos figuram na lista dos sacrifícios em [Dt] 12:6, 11, 17, 26.” (THOMPSON, J. A. *Deuteronômio: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão e Vida Nova, 1982, p. 233).

Vote a Deus o que lhe pertence. “Ninguém podia votar a Deus o que não lhe pertencesse. Os primogênitos, de homens e animais, bem como os dízimos do produto da terra e do trabalho eram considerados como já pertencentes a Deus, e não podiam ser prometidos ao Senhor (Lv 27:26-30). Um detalhe interessante é que a paga de uma prostituta ou os salários ganhos por algum prostituto cultural não podiam ser oferecidos como votos a Deus, pois eram considerados abomináveis (Dt 23:18).” (CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, vol. 7, p. 5466).

Pensemos em nossos votos. “Pensemos em quantos votos fizemos diante de Deus: consagrar nossas vidas, ler a Bíblia naquele ano, assumir responsabilidades na obra, melhorar áreas deficientes no nosso viver, e tudo acabou permanecendo exatamente como sempre esteve. Temos dado o melhor para Deus das nossas intenções e cumprido nossa palavra empenhada com ele? Ou somos levianos? (...) Que o nosso amor por ele seja provado no que fazemos, naquilo que lhe dedicamos.” (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 37).

Mesquinhez na hora de cumprir o voto. “A congregação foi corrompida pelo sacerdócio. Neste caso, era ‘tal sacerdote, tal povo’ (o contrário de Os 4.9). Ao seguirem o exemplo dos sacerdotes, os adoradores eram mesquinhos e fraudulentos. Em tempos de doença ou aflição, o indivíduo orava a Deus e prometia um animal perfeito do rebanho. Mas quando se recuperava e chegava a hora de cumprir o voto, a mesquinhez assumia o comando e então resolvia oferecer um animal ferido ou doente (cf. Lv 3.1,6). A maldição de Deus está em semelhante irreverência e falta de firmeza.” (REED, Oscar F. *(et alli)*. *Comentário Bíblico Beacon*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, Vol. 5, p. 354).

A razão dos animais defeituosos serem aceitos. “Os sacerdotes e as suas famílias alimentavam-se daquilo que era oferecido no altar, e os sacerdotes queriam estar certos de que teriam comida na mesa. Afinal, a economia não andava bem, os impostos eram altos, e o dinheiro estava escasso; apenas os israelitas mais devotos levavam animais perfeitos para o Senhor [para cumprir seus votos]. Desse modo, os sacerdotes contentavam-se com algo aquém do melhor e incentivavam o povo a trazer o que tivesse disponível.” (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento*. Santo André, SP: Geográfica, 2006, vol 4, p. 594).

Os votos do salmista. “O salmista tem uma preocupação enorme e contínua com o cumprimento dos votos feitos a Deus. Parece uma idéia fixa. Várias vezes ele reforça a mesma promessa: ‘Cumprirei os votos que te fiz, ó Deus’ (Sl 56.12; 66.17; 116.14, 18). Uma vez declara que estará sempre cantando louvores ao nome de Deus, cumprindo os seus votos cada dia (Sl 61.8). Outra vez coloca o verbo na primeira pessoa do plural e garante em oração: ‘os votos que te fazemos serão cumpridos’ (Sl 65.1). Essa questão de fazer votos e não cumprí-los é muito séria” (CÉSAR, Elben M. Lenz. *Refeições diárias com o sabor dos salmos*. 2 ed. Viçosa (MG): 2006, p. 177).

Promessa é dívida. “Há mais promessas não cumpridas do que cumpridas. (...) Fazemos promessas demais, sem avaliar o peso e o preço de cada uma delas. São promessas irresponsáveis, feitas em momentos ora de emoção ora de grande aperto. Algumas são mentirosas desde o início. Outras partem de um coração agradecido e sincero, mas, mesmo assim, perdem-se no caminho e naquele espaço de tempo entre o compromisso e a realização.” (CÉSAR, Elben M. Lenz. *Refeições diárias com o sabor dos salmos*. 2 ed. Viçosa (MG): 2006, p. 177).

A aliança com Levi. “Nos versículos 5 a 7 é indicado o verdadeiro serviço sacerdotal. Paz (5), aqui, significa ‘prosperidade geral’ (...). A melhor tradução desse versículo seria: ‘Minha aliança foi com ele; vida e paz – eu dei-as a ele; temor – e ele me temeu e teve temor perante meu nome’. A aliança prometia prosperidade como recompensa pela verdadeira reverência. **A lei da verdade** (...). Quando esta era dada pelos sacerdotes, muitos se convertiam de sua impiedade”. (SHEED, Russel (Editor). *O Novo Comentário da Bíblia*.. São Paulo: Vida Nova, 1985, Volume II, p. 935).

Que aliança é essa? “O versículo 4 recorda que Deus firmou um pacto com Levi. Não há um pacto formal de Iavé com Levi, nas Escrituras. Devemos, no entanto, à luz da declaração divina de um pacto de paz, considerar o episódio de Números 25:11-13, onde, com base na fidelidade de Finéias, Iavé pactuou com a tribo de Levi. Em Malaquias, o pacto com Levi é o pacto com os levitas (Levi é o representante da tribo sacerdotal). A base foi a fidelidade de Finéias, e os sacerdotes deveriam imitá-lo. Não foi assim, no entanto”. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 43).

Pacto de vida e de paz. “Somente uma mudança radical preservaria o pacto. Ver um pano de fundo provável do presente texto, em Deu. 33. 8-11. A casta sacerdotal foi criada para servir ao povo, em questões espirituais, não para servir a si mesma, aumentando riquezas e praticando prazeres proibidos. Os sacerdotes ‘profanaram’ o culto e a eles mesmos, violando a legislação mosaica pela qual deveriam ter dirigido sua vida. O pacto tinha a intenção de trazer vida e paz, mas tornou-se veneno na boca dos ímpios”. (CHAMPLIN, R. Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, Vol. 5, p. 3708).

Para que temesse... “O temor ao Senhor’ designa a espiritualidade, como entendida no Antigo Testamento, incluindo: reverência, obediência e verdadeiro temor a Yahweh, que tem a vida e a morte em Suas mãos. A espiritualidade do Antigo Testamento é a obediência à lei de Moisés, com o coração, isto é, com sinceridade, inspirada pelo Espírito. O pacto de Deus abençoaria com vida e paz, mas os homens desobedientes tudo azedaram. O pacto continuaria válido, somente se a casta sacerdotal cumprisse sua parte”. (CHAMPLIN, R. Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, Vol. 5, p. 3708).

Desprezo ao sacerdócio. “Os sacerdotes também desonraram o nome de Deus de outra forma: desprezando o privilégio de ser sacerdotes (Ml 2:1-5). Não estavam dando o devido valor à elevada vocação que Deus havia lhes dado e tratavam o ministério do templo com descaso. Servir no altar para eles era um trabalho e não um ministério, e faziam-no para satisfazer a si mesmos e não agradar e glorificar o Senhor. Infelizmente, encontramos essa mesma atitude na igreja nos dias de hoje”. (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Antigo Testamento*. Santo André: Geográfica, 2008, vol. 4, p. 594).

Distantes da lei de Deus. “... os sacerdotes tinham se afastado da lei de Deus (Ml 2:6-9). Os versículos 6 e 7 descrevem os servos perfeitos do Senhor: há verdade em seus lábios, obediência em seu proceder, comunhão com Deus, responsabilidade de levar outros ao Senhor e paixão por falar da palavra de Deus a outros que precisam ouvi-la. No entanto, os sacerdotes não estavam seguindo esse padrão, mas sim seus próprios caminhos. Eles ensinavam ‘os teus juízos [de Deus] a Jacó e a tua lei, Israel’ (Dt 33:10) mas eles próprios não estavam obedecendo à lei”. (*Idem*, p. 595).

Faziam os outros tropeçar. “Já era terrível os sacerdotes estarem transgredindo a lei, mas além disso estavam levando outros a tropeçar (Ml 2:8). Assim como os fariseus que Jesus descreveu, os sacerdotes eram ‘nocivos’ e contaminavam tudo e todos que tocavam (Mt 23:15, 25-28). Um falso ministro é uma arma poderosa nas mãos de Satanás. ‘Um só pecador destrói muitas coisas boas’ (Ec 9:18). Pelo fato de se mostrarem parciais na aplicação da verdade de Deus (Ml 2:9), desobedeciam a Deus e prejudicavam seu povo (ver Lv 19:15; Dt 24:17; 1 Tm 5:21)”. (*Idem*).

A verdadeira instrução. “A casta sacerdotal tinha recebido a palavra de Deus para transmiti-la ao povo. O ministério tinha recebido a verdade de Yahweh que governa a vida humana, incluindo o culto e seus muitos regulamentos, que se tornaram parte da legislação mosaica. A ‘verdadeira instrução’ (RSV) estava contida na revelação que os depravados pouco seguiram e pouco transmitiram. A casta sacerdotal ideal receberia e obedeceria a toda a legislação, não pervertendo as instruções e estando sempre pronta para comunicá-las. Também andaria no caminho designado por Yahweh”. (CHAMPLIN, R. Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, Vol. 5, p. 3708).

O sacerdote ideal. “Deve temer o Senhor e se assombrar diante do seu Nome. O sacerdote ideal ‘andou comigo em paz e em retidão’. Nos versículos 6 e 7 encontramos a grandeza do sacerdócio. Eram homens que deviam andar com Deus (à semelhança de Enoque, em Gênesis 5:24) e apartar os homens da iniquidade. Uma vida santa e dedicada a desviar os outros da morte. Na boca do sacerdote deve estar ‘a lei com autoridade’. ‘Lei’ é o hebraico *tôrah* que traz a idéia de uma lei com autoridade divina. Na boca do sacerdote ideal deve estar a Palavra de Deus”. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 43).

Andou comigo em paz e em retidão. “Andar com Deus é mais importante do que trabalhar para Deus. O Senhor da obra é mais importante do que a obra do Senhor. Jesus chamou os doze apóstolos para estar com ele. Só então os enviou a pregar (Mc 3:14). Deus está mais interessado em quem nós somos do que no que nós fazemos. Ele não quer ativismo vazio, quer vida no altar. Só o temor a Deus pode nos livrar da sedução do pecado” (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: A igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 52).

A instrução e o pastor. “Não consideramos que os pastores sejam sacerdotes, no sentido veterotestamentário. Mas, vemo-los como líderes do povo, à semelhança dos levitas. Na boca dos pastores e dos líderes de nossas igrejas deve estar a Palavra de Deus. Eles também devem andar com Deus e desviar as pessoas da iniquidade. Num contexto mais amplo para nós, vemos que o ensino aos homens deve ter a *tôrah* como base. É a palavra de Deus que deve ser ensinada. Há muitos ensinamentos baseados em costumes puramente pessoais de alguém que lidera. Isso é perigoso e beira a idolatria.” (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 43).

Um verdadeiro ministro. “O verdadeiro ministro é comprometido com o trabalho evangelístico. Ele é um semeador, ele fala a tempo e fora de tempo, ele aproveita as oportunidades. Ele crê no poder do evangelho, na eficácia da redenção, na virtude do Espírito Santo. Ele prega (...) na dependência do poder do alto (...). Um verdadeiro ministro ama a Palavra e as pessoas para quem prega. Uma coisa é amar a pregação, outra bem diferente é amar as pessoas para quem pregamos. Precisamos reacender em nosso coração a paixão pela evangelização (...). A igreja evangeliza ou morre”. (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: A igreja no tribunal de Deus*. São Paulo, SP: Hagnos, 2006, p. 54).

O relaxamento no ensino. “Os homens que deviam ensinar a Palavra de Deus ao povo não o estavam fazendo adequadamente. A situação denunciada por Malaquias era, portanto, muito grave. Ainda hoje, o relaxamento no ensino é coisa deplorável. Como é triste saber-se de pregadores preguiçosos e arrogantes, cheios de empáfia, que não estudam, que na examinam a Palavra e abrem a boca para dizer qualquer coisa, mesmo que sem nexos, ‘em nome do Senhor’”. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 40).

Vivendo o que se prega. “O homem cuja reverência a Deus se evidencia em meticuloso cuidado no culto externo tem uma qualificação básica: ele dá *verdadeira instrução* (heb *tôrâ*). Fica claro que o ensino envolvia mais que conhecimento intelectual, porque até este exige que o professor seja íntegro. O sacerdote escolhido por Deus, além de conhecer a lei de Deus, vivia-a (cf. Ed 7:10). *A injustiça não se achou nos seus lábios*. Um dos temas dominantes da Escrituras é que as palavras são uma amostrar do caráter.” (BALDWIN, J. G. Ageu, Zacarias e Malaquias. Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1986, p. 197).

6

8 MAI 2010

Ensino

Chamados para instruir. “O sacerdote justo seria cheio de conhecimento e entusiasmo para comunicá-lo. Por isso seu ofício existia e por esta razão ele foi escolhido. Mas os sacerdotes profanos falharam em tudo (...). ‘Este versículo [2:7] figura entre as mais nobres declarações das funções do sacerdócio do Antigo Testamento; fala da dignidade do ofício, bem como de ser o sacerdote o mensageiro de Yahweh, o Senhor dos exércitos’ (...) Mas aqueles homens profanos arruinaram todas as esperanças, deslizando para um ofício profissional descuidado que pouco servia aos propósitos divinos”. (CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, vol. 5, p. 3708).

O treinamento dos sacerdotes. “Conhecimento da lei de Deus era parte tradicional do treinamento de um sacerdote (Dt 17:9, 33:10), e Oséias lamentou que os sacerdotes do seu tempo tivessem esquecido (Os 4:6); por outro lado, no tempo de Josafá príncipes, sacerdotes e levitas cumpriam um programa de ensino itinerante (2 Cr 17:7-9) (...). Malaquias confere aos sacerdotes o papel de conselheiro, procurado por pessoas que precisavam de orientação em situações especiais, e para isso era essencial ter uma experiência pessoal com Deus e conhecimento da sua lei”. (BALDWIN, Joyce, G. *Ageu, Zacarias, Malaquias: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 197).

Os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento. “Há muitos ministros preguiçosos que não estudam a Palavra. (...). Alimentam o povo com refugo de idéias humanas em vez de apresentar-lhes o banquete rico das iguarias de Deus. Outros ministros perderam a paixão pela proclamação da Palavra de Deus e fazem a obra do Senhor relaxadamente. Os tribunais seculares envergonham os púlpitos evangélicos. Os advoga-

dos e tribunos são mais zelosos em suas prédicas do que a maioria dos pregadores evangélicos". (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 54).

Da sua boca devem os homens procurar a instrução. "O dever do sacerdote era ensinar ao povo sobre Deus. Nos seus lábios não deveria haver iniquidade e sim a Palavra. O que há nos nossos lábios? Maledicência ou a Palavra? Fofoca, irreverência, ou a Palavra? Tradicionalismo ou a Palavra? Conceitos de classe média ou a Palavra? Lamentavelmente, em algumas ocasiões, o mundo não tem visto a Palavra e sim o Tradicionalismo de um grupo ou de uma classe social na boca da igreja. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 44).

O mensageiro do Senhor dos Exércitos. "Que ideal supremo! (...) Todo sacerdote de Deus é um sacerdote da verdade'. É assim porque o sacerdote é o **anjo** ('mensageiro', ARA) **do Senhor dos exércitos**. A palavra hebraica traduzida aqui por **anjo** é a palavra aplicada ao próprio profeta (1.1, **Malaquias**) e à personagem que pronunciaria o dia do Senhor (3.1, **anjo**). Ao longo do Antigo Testamento esta palavra hebraica é comumente traduzida por 'anjo'. Como é patético verificar que os sacerdotes do tempo de Malaquias ficaram abaixo do padrão divino!". (REED; Oscar F. e outros. *Comentário Bíblico Beacon*. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, Vol. 5, 2009, p. 356).

Ensinemos somente a Palavra! "Quando, em alguns países, as igrejas defendem o racismo, não é a Palavra de Deus que está sendo proclamada. É a maldade humana. (...). Quando algumas correntes teológicas fazem apologia do uso de força militar para apoiar seus conceitos, não é a Palavra de Deus que está sendo proferida. É uma ideologia humana que se verbaliza pela boca de quem nunca a deveria defender. Como igreja de Jesus Cristo, como sacerdócio real que somos, devemos proferir para este mundo a Palavra de Deus. Se ela não concorda com os nossos conceitos, que mudemos estes!" (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo: um estudo contextualizado de Malaquias*. 2 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 44).

O pecado dos sacerdotes. "Aquilo que os sacerdotes estavam fazendo não era um ministério, mas um ritual, uma formalidade religiosa vazia

que desagradava o Senhor. (...) os sacerdotes haviam se afastado da lei de Deus (Ml 2:6-9). Os versículos 6 e 7 descrevem os servos perfeitos do Senhor: há verdade em seus lábios, obediência em seu proceder, comunhão com Deus, responsabilidade de levar outros ao Senhor e paixão por falar da Palavra de Deus a outros que precisam ouvi-la. No entanto, os sacerdotes não estavam seguindo esse padrão, mas sim os seus próprios caminhos". (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento*. vol. IV, Santo André, SP: Geográfica, 2006, p. 595).

7

15 MAI 2010

Desvio

O desvio da Palavra gera corrupção: “Os sacerdotes tentaram obter popularidade mudando a lei de Deus. Eles bandearam para o pragmatismo. A teologia estava errada e por isso a vida estava errada. Quando os ministros deixam de lado a sã doutrina, a vida deles se corrompe. A impiedade leva à perversão (Rm 1.18). A heresia sempre desemboca em imoralidade. Oh! Quantos desvios doutrinários hoje! Quantos abusos contra a santa Palavra de Deus. O povo de Deus está sendo destruído porque lhe falta o conhecimento (...) Muitos hoje estão vendendo a graça de Deus”. (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 57).

O desvio provoca descrédito: “Em vez de levar muitos à justiça (cons. V. 6), a influência dos sacerdotes fora justamente a oposta. Corrompida pelas palavras dos sacerdotes e pelo seu exemplo, a Lei só podia desviar os homens. **Violastes a aliança.** Por meio de seus atos, os sacerdotes nulificaram a aliança. **9. Eu vos fiz desprezíveis.** Os sacerdotes não tiveram o respeito das pessoas cujos pecados eles mesmos assimilaram. E vos mostrastes parciais no aplicardes a lei (cons. Mq. 3:11). Em sua capacidade judicial, os sacerdotes fizeram acepção de pessoas”. (PFEIFFER, F.Charles/ HARRISON F. Everett- *Comentário Bíblico Moody*. Vol.3. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2001, p.380).

O desvio culmina em heresia: “Hoje estamos vendo a igreja evangélica em profunda crise. Há desvios sérios: liberalismo, sincretismo, pragmatismo e ortodoxia morta. O apóstolo Paulo diz: ‘No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado não tendo dignidade nenhuma que dizer a nosso respeito’ (Tt 2.7,8). Um ministro que torce a Palavra e dá ao povo

a palha da heresia em vez do trigo nutritivo da verdade, não é boca de Deus, mas agente do Diabo. A heresia, muitas vezes, é mais popular e mais palatável que a verdade". (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 54).

Evitando-se cair no desvio do formalismo religioso: "Os sacerdotes não davam o devido valor a seus privilégios e nem se lembravam da aliança que Deus, em sua graça, havia feito com eles por intermédio da Arão (MI 2:4; Êx 29) e de Finéias, neto de Arão (Nm 25.1-13). Era um grande privilégio ser um sacerdote, servir no altar, ministrar no templo e ensinar a lei de Deus ao povo. Mas os sacerdotes não tinham temor algum de Deus e tratavam as coisas sagradas como se fossem coisas comuns, pois seu coração não estava em ordem com Deus. (Ez 44:23)" (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento*. Vol. IV. Santo André, SP: Geográfica, 2006, p.595).

Antes do desvio, os tempos eram melhores: "NOS BONS TEMPOS os sacerdotes desviavam muitos dos pecados (MI 2.6). Em tempos de decadência, os sacerdotes desviaram muitos do bom caminho. O choque dos velhos tempos de saudosa memória com os novos tempos de apreensão e loucura é assustador. Antes, a verdadeira lei estava na boca dos sacerdotes e nenhuma falsidade estava em seus lábios (MI 2.6) (...) Os contemporâneos dos bons tempos devem se alegrar e também orar e vigiar para que não haja mudança alguma mais para frente. Os contemporâneos dos maus tempos devem chorar e também confessar e clamar para que haja muita mudança". (CÉSAR, Elben M. Lenz. *Refeições diárias com os profetas menores*: Viçosa, MG: Ultimato, 2004, p.318).

O desvio torna a liderança frágil e indigna: "Hoje, há muitos pastores não convertidos no ministério. Há pastores que nunca foram chamados e entraram no ministério por outras motivações. (...) Há pastores emocionalmente enfermos no ministério que deveriam estar sendo cuidados e estão liderando o povo. Há pastores em pecado no ministério, subindo ao púlpito, ministrando a Ceia do Senhor, aconselhando jovens e casais, quando deveriam estar sob disciplina. Eles não irão parar até serem apanhados no flagrante do seu pecado. Sua vida reprova o seu trabalho". (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.56).

Uma responsabilidade cristã diante da realidade do desvio: "... os sacerdotes tinham se afastado da Lei de Deus (Ml 2:6-9). Os versículos 6 e 7 descrevem os servos perfeitos do Senhor: há verdade em seus lábios, obediência em seu proceder, comunhão com Deus, responsabilidade de levar outros ao Senhor e paixão por falar da Palavra de Deus a outros que precisam ouvi-la. No entanto, os sacerdotes não estavam seguindo esse padrão, mas sim seus próprios caminhos. (...) Quer seja na posição de pastor, de missionário, de professor ou de membro do coral, servir a Deus é algo sério e merece o que temos de melhor a oferecer". (WIER-SBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento*. Vol. IV. Santo André, SP: Geográfica, 2006, p.595).

8

22 MAI 2010

Traição

Uma aliança sagrada. “O casamento é uma aliança sagrada abençoada por Deus e uma união honrada entre um homem e uma mulher com o propósito de comunhão e vida familiar (Gn 2.24; Ez 16.8; Os 2.19). Para Malaquias, as ligações entre fidelidade à aliança com Javé e fidelidade ao cônjuge são claras e baseiam-se na natureza familiar dos relacionamentos de aliança em outras passagens do AT (e.g., o simbolismo de marido e mulher usado para descrever Deus e Israel em Jr 2.1-3; 31.32; Ez 16.6-34; Os 2.1-19)”. (HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2007, pp. 611-612).

Deus é testemunha. O casamento “é uma aliança testemunhada por Deus (2.14). Deus é o arquiteto, o fundamento e o sustentador do casamento. Ele está presente como testemunha principal. O casamento foi instituído por Ele e é feito na presença Dele. Em toda cerimônia de casamento é costume dos nubentes convidarem testemunhas. Muitas vezes, essa prática não passa de convenção social. Essas pessoas ilustres, acabada a cerimônia, voltam à sua rotina normal e não mais acompanham a vida do casal. Todavia, Deus é uma testemunha sempre presente. (...) Ele vela pelos cônjuges, reprovando a infidelidade e odeia o divórcio”. (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 67).

Ele não olha mais para as ofertas. “A primeira consequência do pecado é o distanciamento entre a santidade de Deus e a pecaminosidade humana. (...) Ele deseja que nos apartemos do pecado (...). Havia choro, gemidos e lágrimas, mas infelizmente havia pecado [os divórcios inescrupulosos e os novos casamentos mistos]. É o pecado guardado, não confessado, não eliminado, que acarreta obstrução na comunhão com Deus. Assim também sucede conosco. Procuremos uma vida limpa dian-

te de Deus, para bom sucesso na comunhão com ele". (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 50-51).

A tua companheira. "As prescrições do divórcio na lei mosaica foram instituídas por causa do pecado da humanidade em geral (Gn 3.1-19) e de Israel em particular (Mt 19.8). Deus odeia o divórcio porque a infidelidade destrói os elos da aliança entre os cônjuges. O vocabulário usado pelo profeta ilustra esta verdade, pois ele utiliza a palavra exclusiva do AT para 'companheira' em 2.14. O termo está relacionado à raiz hebraica que significa 'estar unido', como dois pedaços de madeira unidos com pregos em uma construção (Êx 26.6)". (HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2007, p. 612).

A mulher da mocidade. "Não se procura a 'mulher virtuosa', mas a 'mulher formosa'. (...) Duas lembranças, portanto, se fazem necessárias. A *primeira*: foi a mulher da mocidade quem sofreu as durezas de uma vida econômica iniciante. Ela padeceu as dificuldades de se iniciar a construção de um patrimônio conjugal. Agora, com tudo estabelecido, é justo colocá-la de lado? É decente? A *segunda*: os homens também ficam velhos. Os homens também engordam, também ficam flácidos e, pior, ficam calvos. Uma boa coisa para marido e mulher é envelhecerem juntos". (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo: um estudo contextualizado de Malaquias*. 2 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 53).

Casamentos em perigo. "Somente quando os pais permanecem fiéis aos seus votos de casamento eles podem dar a seus filhos a segurança que serve de base para uma vida piedosa. A família deveria ser a escola em que a vida como Deus a imaginava deveria ser aprendida e praticada (Êx 20:12, Dt 11:19). Malaquias instrui que *ninguém seja infiel com a mulher da sua mocidade* porque esta instituição divina estava sendo ameaçada. (...) Para ele [Deus] o divórcio é igual *cobrir de violência as suas vestes*, uma expressão que configura todo o tipo de injustiça grosseira que deixa marcas que todos podem ver". (BALDWIN, Joyce, G. *Ageu, Zacarias, Malaquias: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 202).

A natureza do divórcio. "Deus regulamentou o divórcio, mas não o instituiu. Jay Adams diz que divórcio é uma inovação humana. Deus

instituiu o casamento e não o divórcio. O casamento é fruto do coração amoroso de Deus, o divórcio é fruto do coração endurecido do homem. Edward Dobson afirma que a permissão do divórcio presente na lei mosaica (Dt 24.1-4) era para proteger a esposa de um marido mau e não uma autorização para ele se divorciar dela por qualquer motivo. John Murray, em seu precioso livro *Divorce*, é enfático em dizer que na interpretação de Jesus, o divórcio não é uma ordenança e sim uma permissão (Mt 19.3-9)". (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 71).

9

29 MAI 2010

Juízo

A ênfase da mensagem do precursor: “João atacava a decadência moral e a formalidade religiosa vazia, preparando assim, o caminho para a ênfase de Cristo sobre a regeneração e o culto espiritual. Ele também foi o arauto da vinda de Cristo. **De repente virá... o SENHOR.** Esta é a resposta à pergunta: ‘Onde está o Deus do juízo?’ ‘Deus’ (2:17), **o SENHOR e o Anjo da aliança**, todos se referem a uma única pessoa divina. Uma vez que o precursor desta pessoa foi João Batista, a pessoa divina não foi outra que Jesus Cristo. (PFEIFFER, F.Charles/ HARRISON F. Everett- *Comentário Bíblico Moody*. Vol.3. São Paulo: Imprensa Batista Regular,2001, p. 382).

Acusações inconseqüentes: “*Deus é acusado de ser parcial e imoral em seus julgamentos* (2.17). Os acusadores estão fazendo três pesadas acusações contra Deus. A primeira delas é impunidade no julgamento: ‘Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor’ (2.17). (...) A segunda acusação é corrupção no caráter: ‘[...] e desses é que ele se agrada (2.17). Eles atacam o caráter santo de Deus. (...) A terceira acusação é inatividade na providência: ‘Onde está o Deus do juízo?’ (2.17). Acusam Deus de ser omissivo na História, de ser lerdo nas intervenções. (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.80,81).

Uma certeza inquestionável: “*o Deus do juízo virá certamente* (3.1). Deus está com as rédeas da História nas mãos. Pode parecer que os grandes impérios é que estão no controle, que os poderosos é que dirigem a História. Mas Deus é quem está assentado no trono. Ele é quem governa. Ele levanta reis e abate reis. Ele virá para estabelecer o seu Reino de justiça! Thomas V. Moore diz que nós devemos olhar para Cristo como o verdadeiro Deus, confiar Nele e adorá-lo. (...) Quando Ele vier na Sua segunda vinda, virá como o ladrão, inesperadamente. (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.82).

A necessidade de purificação: “A idéia é de algo para branquear o que está manchado. O fogo do fundidor elimina a escória do metal a ser purificado. A potassa retirava as manchas da roupa. Uma das tarefas do Senhor seria a de purificar o seu próprio povo. (...) O povo de Deus também precisa de purificação! Também, há maldade, ódios, calúnias e desonestidades no meio dos cristãos. Muitas vezes fica até difícil ver alguma diferença entre a conduta a conduta dos cristãos e a dos incrédulos”. (COELHO FILHO, I. G. *Malaquias: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994, p.59).

Os “alvos” do juízo: “Chegar-me-ei a vós outros para juízo. Este versículo lista uma série de pecados representativos da casta sacerdotal, tão comuns nessa comunidade, todos terríveis e condenáveis. Por causa de tais atividades, o julgamento deve cair; o dia da retaliação não está longe. Os sacerdotes estão na corte divina como réus, e Yahweh é o juiz que sabe de tudo e não deixará nada deslizar. (...) O julgamento não deixará escapar os que juram falsamente, nem os que defraudam o salário do jornaleiro, nem os que abusaram dos direitos dos estrangeiros”. (CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, vol. 5, p.3710).

No juízo, todos são pesados na mesma “balança”: “Todos nós somos unânimes em rejeitar o feiticeiro e o adúltero. Mas já não temos tanta unanimidade contra o maledicente. Este não só é tolerado, mas também é muitas vezes estimulado com o interesse anormal que algumas pessoas têm de ouvir referências desabonadoras sobre a vida alheia. O maledicente, entretanto, é colocado lado a lado com o feiticeiro e com o adúltero. Sim, o fofoqueiro não é nada melhor que os outros dois”. (COELHO FILHO, I. G. *Malaquias: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994, p.61).

Um pensamento equivocado sobre o juízo divino: “O antigo problema da aparente prosperidade do homem mau também era bem vivo no tempo de Malaquias. Parecia que Deus favorecia aos maus, e tanto Jeremias (Jr 12:1) como Habacuque (Hc 1:2-4) puseram em dúvida a providência divina, enquanto ao mesmo tempo mantinham sua fé na justiça final de Deus. Os contemporâneos de Malaquias, por sua vez, tinham se tornado cínicos e incrédulos, porque tinham desistido de levar o bem e o mal a sério o profeta os coloca diante do julgamento vindouro”. (BALDWIN, J. G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 202).



Deus nos aceita de volta: “Desde os dias de vossos pais, vos desviastes dos meus estatutos e não os guardastes’(3.7). A geração de Malaquias estava no mesmo curso de desvio e desobediência dos seus pais. Apesar desse doloroso fato, Deus não desiste do seu povo nem desiste do direito que tem de atraí-lo com cordas de amor. Deus o chama à restauração apesar de tantos anos de apostasia e rebeldia (...). Deus não quer apenas uma volta a determinados ritos sagrados, a uma religiosidade formal. Ele quer comunhão, relacionamento, por isso diz: ‘tornai-vos para mim’...” (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.91,92).

Deus se volta para seus adoradores: “Deus procura adoradores e não adoração. Deus quer a nós, mais do que o nosso culto, o nosso serviço. Antes de Deus requerer o dízimo, Ele requer o coração. Antes de Deus ordenar trazer os dízimos, Deus ordena trazer a vida. (...) Os fariseus transformaram a religião num conjunto interminável de rituais e deixaram de ter um relacionamento vivo e íntimo com Deus. (...) Contudo, o princípio bíblico é que o coração precisa vir primeiro para Deus, depois o bolso virá naturalmente”. (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p.92).

A esperança de retorno: “Ele, Iavé, não mudou. O povo mudou. Nós também mudamos. Mas ele permanece o mesmo. De forma admirável o apóstolo Paulo expressou isto: ‘Se somos infiéis, ele permanece fiel; porque não pode negar-se a si mesmo’ (II Tim. 2.13). Mesmo quando nos apartamos dele, ele permanece fiel à palavra que empenhou, esperando o nosso retorno. Por isso que ele diz: ‘Tornai vós para mim, e eu tornarei para vós’. (...) Deus chama o seu povo ao arrependimento. E quando o seu povo se arrepende, ele se chega para abençoá-lo”. (COELHO FILHO,

I. G. *Malaquias: nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994, p.66).

A imutabilidade de Deus nos concede chances de retorno: “Os judeus deveriam ter ficado agradecidos pela natureza imutável de Deus, de seus propósitos e de suas promessas, pois se assim não fosse, ele os teria consumido por seus pecados. Em duas ocasiões, Moisés usou esse fato referente ao caráter de Deus como argumento ao interceder pela nação (Êx 33:12-23; Nm 14:11-21). (...) Deus é fiel a suas promessas e justo para com seu Filho, que morreu pelos nossos pecados a fim de pudéssemos ser perdoados...”. (WIERSBE, W.W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento*. Santo André: Geográfica, 2006, vol.4. p. 601).

A urgente necessidade da volta: “A idolatria-adultério-apostasia começou cedo na história de Israel e persistiu por longo tempo. Na geração de Malaquias, aquele povo se tornou perito em pecar de debochar, imitando as corrupções antigas da nação, misturando múltiplos pecados pagãos. Há muito a lei de Moisés tinha deixado de ser o guia. Eles nunca pararam de imitar homens impiedosos, flertando com a morte. Portanto, eram necessários o arrependimento decisivo e a volta para Yahweh. Voltando, Yahweh os veria e correria para encontrá-los no caminho, substituindo Seus julgamentos por bênçãos abundantes”. (CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Can-deia, 2000, vol. 5, p.3710).

Quem se volta primeiro?: “Os dois estão distantes um do outro: o Criador da criatura, o Pai do filho, o Perdoador do perdoado, o Gracioso do agraciado. Deixando de lado a investigação histórica de quem se distanciou primeiro, cabe agora uma pergunta solene: quem deve voltar primeiro, o Senhor ou o povo? (...) À primeira vista, parece lógico e ético que seja o pecador, o cabeçudo que abriu a porta do aprisco e caiu fora. (...) Todavia, à luz de uma teologia mais profunda à luz ‘das boas novas de grande alegria’ (Lc 2.10), quem sempre volta primeiro é o Senhor. (CÉSAR, E. M. L. *Refeições diárias com os profetas menores: devocionário*. Viçosa, MG: Ultimato, 2004, p.320).

O amor de Deus nos traz de volta: “... O hebraico diz: ‘Porque eu, o Senhor, não mudo, e vós, filhos de Jacó, não cessastes.’ É fácil ver porque nossas traduções geralmente traduzem o último verbo *não sois consumi-*

dos, que é um dos significados do verbo. Pode-se traduzir também: 'Eu sou o Senhor, que não mudo; vós também, não cessastes de ser filhos de Jacó', isto é, cabeçudos. (...) Deus sempre tratou o povo da mesma forma. Ele amou a Jacó (1:2), e não deixou de amar os seus filhos, apesar de eles puxarem pelo pai, logrando e enganando (Gn 27:36, cf. Mt 3:5). (BALDWIN, J. G. *Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 202).

11

12 JUN 2010

Roubo

O pecado de roubar a Deus. “Um dos pecados mais persistentes de Israel foi o de roubar os dízimos e as ofertas pertencentes ao Senhor. O problema apareceu pela primeira vez com Acã, ao entrarem na terra prometida (Js 6.17-19; 7.11). O primeiro erro que muitos reis cometiam ao ser atacados era entregar os tesouros do templo para tentar apaziguar o inimigo, o que invariavelmente provocava novos ataques (2 Rs 18.14-16). Diante da sonegação dos dízimos, o Senhor lembra-lhes que estavam, na realidade, roubando a si próprios, pois o resultado de tal atitude era o fracasso das colheitas.” (ELISEN, Stanley. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida, 2007, p. 403).

Não há desculpa. “Os versículos 9-11 mostram que os tempos eram difíceis. Era uma ocasião de crise econômica. Não seria desculpável, neste momento, suprimir o dízimo e cuidar de si mesmo? Winward comenta: ‘As pessoas, sem dúvida, usam a dificuldade dos tempos como uma desculpa para a sua frouxidão nos compromissos, mas o profeta interpreta isso como se fosse o sinal exterior de um desprezo interno por Deus’ É uma questão de prioridades. Se Deus tiver o primeiro lugar, a sua causa não ser nunca prejudicada. Mas, quando se despreza a Deus, no íntimo, qualquer desculpa é saudada com alegria.” (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 67).

Reter o dízimo. “Quem rouba a Deus não é capaz de amá-lo. Reter o dízimo é uma clara demonstração de amor ao dinheiro, e a Bíblia diz que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (I Tm 6.10). Reter o dízimo é desconfiar da providência divina, é um ato de incredulidade e infidelidade Àquele que nos dá a vida, a saúde, o sustento e a própria

vida eterna. Reter o dízimo é desamparar a casa de Deus (Dt 24.14). Se quisermos ter os tesouros de Deus abertos, devemos abrir os nossos próprios tesouros (3.10,11)". (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 100).

Gesto de adoração. "Dar o dízimo é um gesto de adoração que vem desde a ocasião em que Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, reconhecendo que Melquisedeque era o representante do Deus Altíssimo (Gn 14.20; Hb 7). Jacó fez um voto ao Senhor de que daria o dízimo (Gn 28:22), de modo que essa prática é anterior à lei (...). Porém, o dízimo foi incorporado oficialmente à lei (...) como parte da adoração de Israel. Ao levar os dízimos e ofertas, as pessoas não estavam apenas sustentando o ministério do templo, mas também dando graças a Deus pela provisão abundante de suas necessidades." (WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento*. São André, SP: Geográfica editora, 2006, p. 602).

Não é assim que deve ser. "O cristianismo não é para pessoas que querem selecionar áreas de sua vida para a 'subcontratação' ou 'terceirização' de Deus enquanto mantêm a administração total dos negócios de sua vida. Deus não opera dessa maneira. Ele não é assim. Ou Ele é Senhor de tudo ou não é Senhor de nada. Ele é Deus. O Senhor protegeu o seu povo e levou-o de volta à terra, eles, porém, continuam a tentar se proteger com a manutenção do controle da bolsa e da conta bancária. Você percebe como isso cheira desconfiança?" (DEVER, Mark. *A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008 p. 950).

O Senhor é dono de tudo. "No Antigo Testamento, a entrega do dízimo baseava-se na convicção teológica de que o Senhor é o dono de toda a terra, o doador e o preservador da vida (Sl 24). O dízimo era santo ao Senhor e sua entrega seria uma demonstração prática do reconhecimento da soberania de Deus sobre a terra, seus frutos e a própria vida do ofertante. Ao mesmo tempo, a entrega dos dízimos era a expressão prática da gratidão a Deus por suas bênçãos e generosidade para com a nação israelita. Logo, aquele ato tinha significado cúllico e ocorria em cerimônias acompanhadas de intensa celebração e adoração a Deus (Dt 12.5-19)." (*Revista Ultimato*, edição 313. Viçosa, MG: Ultimato, julho-agosto de 2008, p. 26).

Bem-aventurados. “Então ‘todas as nações vos chamarão bem-aventurados’. ‘Nações’ é o hebraico *gôyim*. Outros países reconheceriam que Judá era ‘bem-aventurado’. A LXX traz *makaryôsyn*, que é o meso termo utilizado nas bem-aventuranças do sermão do monte, *makaryôy*. As nações gentias veriam a bênção de Iavé sobre Judá. Isto deve nos instigar. O mundo vê a bênção de Deus na igreja? Ou a vê como uma comunidade desorientada, cheia de conflitos e de traumas? Em nossas vidas é possível as pessoas verem o cuidado de Deus por nós?” (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed, Rio de Janeiro: Juerp, p. 70).

A vinda do Senhor (Ml 4:1-3). “Malaquias retoma o tema da vinda do Dia do Senhor, quando Deus castigará os malfeitores. Os pecadores serão queimados como o fogo consome o restolho; eles se tornarão como cinzas sob os pés dos santos! Mas os verdadeiros crentes verão o amanhecer de um novo dia, no qual nascerá o ‘sol da justiça’ (ver Lc 1:78,79). Então Jesus reinará como Reis dos reis e seu povo saltará como bezerras soltas da estrebaria!” (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico expositivo: Antigo Testamento 4 - Proféticos*. Santo André, SP: Geográfica, 2008, p. 604).

O dia de prestar contas. “O perverso por um momento fala contra Deus, tenta a Deus e ainda prospera e escapa, mas um dia Deus vai chamar esse perverso para prestar contas. Naquele dia, o perverso será como restolho chocho, vazio, sem valor (...) aqueles que pensam que o mal compensa, um dia saberão a diferença entre o justo e o perverso. O dia do juízo trará à luz o pleno entendimento que de nada adianta o homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma (...) O dia do juízo vai revelar que vale a pena servir a Deus e andar com Ele!” (LOPES, Hernandes Dias. *Malaquias: A igreja no tribunal de Deus*. São Paulo, SP: Hagnos, 2006, p. 121).

Soberbos e perversos. “Malaquias registra dois fatos: Primeiro, os soberbos serão condenados. A soberba é um sentimento que pode ficar escondido por trás de fachadas e de mascarar. É um sentimento íntimo, que só Deus conhece. Contudo, Deus vai julgar o segredo do coração dos homens. Segundo, os que cometem perversidades serão condenados. Perversidade fala de uma vida desregrada, de desobediência afrontosa, de descalabro moral (...). Os homens, embriagados pelo prazer, (...) fazem a vontade da carne e dos pensamentos. Eles não pensam na eternidade, só vivem para o agora”. (*Idem*, p. 125).

O Sol da justiça. “É um termo messiânico. Jesus Cristo é aquele que traz a totalidade das promessas de Deus para nós. É a presença dele na vida de uma pessoa que faz com que haja uma diferença. Existe uma diferença entre aquele que o tem como Salvador e aquele que não tem. O “sol da justiça” traria “curas nas suas asas” (...). Entenda-se que asas do sol são seus raios. Aos ímpios, o fogo destrói. Aos justos, o sol traz ‘cura’ (ou ‘saúde’, que é o que se entende). Esta é a proposta do Senhor: morte ou vida”. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 76).

Nem raiz nem ramos. “A declaração adicional que diz que este fogo **lhes não deixará nem raiz nem ramo** significa que não terão esperança de brotar outra vez à vida – a existência que é prometida aos justos. ‘Porque há esperança para a árvore, que, se for cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus renovos’ (Jó 14:7), mas não há esperança para aqueles que estão condenados no dia de Juízo”. (TAYLOR, Richard S. (et alli). *Comentário Bíblico Beacon: Hebreus a Apocalipse*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, vol. 10, p 371).

Iguais a bezerros soltos. “A metáfora exaltada do Sol agora cede a uma humilde ilustração de bezerros que têm bastante para comer são libertados de seu confinamento em estábulos. Assim, podem vaguear nos campos, regozijando-se com a liberdade. ‘A alegria suprema dissipará as sombras da tristeza atual, e os abençoados, libertados de seus males, sairão de seus confinamentos mortais para experimentar a bênção poderosa de Deus’ (...). ‘Agirá como bezerros liberados de todas as suas restrições’ (Septuaginta). O bezerro, já bem alimentado, ganha liberdade, a possessão mais preciosa que um homem pode ter”. (CHAMPLIN, R. Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000, vol. 5, p. 3712).

Pisando as cinzas. “O justo é pisado pelo ímpio, explorado por este. A noção do vitória do oprimido e a destruição do opressor é uma nota constante da literatura apocalíptica. E, no caso, é o próprio justo quem vence e esmaga o injusto. A idéia de os ímpios se desfazerem em cinzas sob os pés dos justos mostra a vitória total do bem e aniquilação total da impiedade. Existe uma diferença: o fiel há de triunfar e os infiéis hão de ser aniquilados”. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 77).

A lei de Moisés. “O trecho começa com ‘Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo’. Embora em todo o livro, anteriormente, não apareça a expressão ‘lei de Moisés’ (...) por todo ele se enfatiza a obediência devida a lei. A chamada a obediência e ao compromisso está presente em cada declaração do profeta. (...) Os hebreus são exortados a olharem para trás, para o passado, e recordarem dos compromissos, estatutos e ordenanças do Senhor. Assim termina Malaquias: exortando os fiéis aos ‘estatutos e ordenanças’ que o Senhor entregou a Moisés em Horebe”. (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 79).

Eu vos enviarei o profeta Elias. “O profeta Elias era considerado um modelo para o ministério profético ligado ao ‘precursor’ por várias razões. Primeiro, ele confrontou os líderes religiosos e políticos sobre questões de ortodoxia teológica, pureza moral e justiça social. Em segundo lugar, ele pregou uma mensagem de arrependimento do pecado diante do juízo divino iminente. Em terceiro lugar, sua comissão e mensagem divinas foram autenticadas por milagres. Por fim, ele foi realmente ‘a voz que clama no deserto’, pois seu ministério estava fora das estruturas reconhecidas e das instituições tradicionais da sociedade hebraica”. (HILL, Andrew E.; WALTON, J. H. *Panorama do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2007, p. 612).

O dia do Senhor. “Nos profetas menores, a expressão ‘dia do Senhor’ é escatológica, aludindo a uma súbita e decisiva intervenção de Deus na história. Neste sentido, o dia terrível se deu em Jesus Cristo e o Elias que o precedeu foi João Batista (...). Uma das funções foi converter o coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais. Isto significa mais do que acabar

com o conflito entre as gerações. Há um sentido mais amplo, que é o de unir pais e filhos em torno de uma pessoa". (COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Malaquias, nosso contemporâneo: um estudo contextualizado do Livro de Malaquias*. 2 ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 80).

Ele converterá o coração dos pais aos filhos... "Se o evangelho não funcionar no lar, não funcionará em lugar algum. A mais bela expressão do evangelho é o lar, feliz, onde os pais entendem os filhos e têm tempo para eles; onde os filhos, cercados de amor, crescem no conhecimento de Cristo. (...) A volta para Deus implica em restauração de relacionamentos familiares. (...) No judaísmo, o lar era um centro de ensino sobre Deus e Sua Palavra. A nova época que Elias viria anunciar e que o Messias viria implantar, teria uma mensagem capaz de reunir toda a família". (LOPES, Hernandez Dias. *Malaquias: a igreja no tribunal de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 129).

Um "mundo em miniatura". "O futuro ministério do profeta que haveria de vir é descrito em termos de terminar o conflito das gerações. O quinto mandamento deixava subentendido que o lar era essencialmente a escola da vida em comunidade. Ali, num 'mundo em miniatura', autoridade e submissão, amor e lealdade, obediência e confiança podiam ser aprendidos como em nenhum outro lugar, e a sociedade seria mudada com a Palavra de Deus como guia nos lares". (BALDWIN, Joyce, G. *Ageu, Zacarias, Malaquias: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 212).

Ferir a terra com maldição. "Parece estranho que as Escrituras do Antigo Testamento terminem com a palavra 'maldição'. Quando nos aproximamos do final do Novo Testamento, lemos 'Nunca mais haverá qualquer maldição' (Ap 22:3). Toda criação aguarda ansiosa a volta do Salvador para redimi-la do cativeiro do pecado (Rm 8:18-23). Também devemos aguardá-lo e, enquanto esperamos, devemos dar testemunho do Senhor a outros. Pois, quando o Sol da justiça nascer, será tempo de fogo ou de bênçãos (Ml 4:1,2). (...) Para você, a última palavra será de salvação ou de julgamento?". (WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: AT. vol. IV*, Santo André, SP: Geográfica, 2006, p. 605).

O julgamento final virá. "Qualquer que tenha sido a verdade sobre como João entendeu seu papel, ele tinha certeza de que a era messiã-

nica estava começando, e que somente passando por um teste de fogo alguém poderia escapar do julgamento final (Mt 3:11,12). Sem dúvida ele conhecia a mensagem de Malaquias e foi profundamente influenciado por ela. Na vida de Jesus a esperança de João não foi cumprida. Um intervalo separou a primeira e a segunda vindas, e o dia da graça foi alongado, para adiar o julgamento final. Isto, no entanto, não significa que ele foi cancelado. A advertência que encerra o Antigo Testamento não está ausente do Novo (Ap 22:10-15)". (BALDWIN, Joyce, G. *Ageu, Zacarias, Malaquias: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982, p. 212).